

SEÇÃO DE LIVROS

PÁSSARO DO GELO

**A HISTÓRIA
DE DAN JANSEN**

**DAN JANSEN
E JACK McCALLUM**

Aquilo era o suficiente para despedaçar o coração de qualquer garoto. O jovem Dan Jansen, na época um desajeitado patinador de 9 anos de Wisconsin, viu-lhe fugir a vitória certa devido a um ligeiro tropeço no gelo.

Choroso e inconsolável, sentiu que o mundo acabara nesse dia para ele, mas seu pai lhe observou simplesmente: «Sabe de uma coisa, Dan, há mais coisas na vida do que patinar.»

Os anos passaram e, ao participar de uma prova olímpica, Dan descobriu que o verdadeiro teste à sua coragem não se desenrolava no rinko — o mundo da «patinação em círculos» —, mas dentro de si. Aqui, pela primeira vez, está sua história de desgostos e triunfos, algo que nenhum livro de recordes olímpicos jamais revelaria.



QUANDO eu era criança, em Wisconsin, gostava de ir para a rua no inverno, com o vento me batendo no rosto e o sol refletindo no gelo enquanto patinava. O engraçado é que um amigo que se recorda de ir comigo para a escola diz que eu me queixava do tempo. Pode ser, mas assim que eu calçava meus patins, o frio não tinha mais importância.

Eu adorava patinar; Eric Heiden, cinco vezes campeão olímpico de patinação de Wisconsin, era meu herói. Por isso, de certo modo não admira que aos 18 anos eu fizesse parte da equipe olímpica norte-americana e patinasse nas Olimpíadas de Inverno, em Sarajevo. Nos jogos olímpicos seguintes, eu me tinha tornado um patinador tão exímio que era considerado o herdeiro de Eric na categoria especial de corridas de velocidade. Em fevereiro de 1988, cheguei a Calgary, no Canadá, como o vencedor recente do Campeonato Mundial de Sprint, mais forte e saudável que nunca.

Eu tinha saúde, mas minha irmã Jane estava morrendo.

Jazia no hospital gravemente enferma, vítima de leucemia. Sendo a pessoa que era, tinha me pedido poucos dias antes que fosse ao Canadá, apesar de ela estar doente, e ganhasse a competição.

Às 6 da manhã do dia de minha prova, ouvi alguém batendo à porta de meu quar-

to. Era um dos companheiros da equipe me comunicando uma ligação telefônica.

Mamãe falava do hospital me dizendo que a pressão sangüínea de Jane estava descendo muito e que ela provavelmente não passaria daquele dia.

— Queremos que você se despeça dela, Dan — me avisou. — Vou passar o telefone a Jane. Ela não pode responder, mas consegue ouvir.

Encostaram o fone ao ouvido dela e comecei a falar. Não me lembro o que falei, mas lhe disse que gostava muito dela e que iria vencer a prova e dedicar-lhe a vitória.

Quando minha mãe voltou a pegar o fone, perguntei se devia participar da prova naquele dia.

— Você sabe que a Jane gostaria disso, Dan.

Poucas horas depois, Jim, o irmão mais velho que viera comigo a Calgary, me deu a notícia:

— A Jane morreu, D. J. Estava fraca demais.

Mais tarde, ele veio ao dormitório onde eu estava. Ficou umas horas no corredor, recordando todas as qualidades de nossa irmã, o que não era difícil, e chorando.

O resto do tempo foi todo como uma névoa. Sei que, quando finalmente cheguei à pista para a corrida dos 500 m, me sentia vacilante, como se há mais de seis meses não calçasse patins. Não conseguia me concentrar. Os pensamentos giravam em minha cabeça. Jane está morta. Deveria eu estar aqui? Ela morreu. O que pensarão as pessoas ao me ver

patinar? Jane está morta. E continuava imaginando como tudo deveria ser difícil para meus pais, que estariam me vendo na televisão e ao mesmo tempo enfrentando a coisa mais horrível da vida — enterrar um filho.

A única coisa de que me lembro quando estava na linha de partida é de não estar concentrado na corrida. De sua parte, mamãe achava que eu iria competir até me ver naquela linha de partida.

— Meu Deus — exclamou ela. — Que foi que lhe pedimos para fazer!

Meu rosto estava sem um pingo de sangue.

Quando o juiz de partida disse: «Preparar», queimeei a saída, o que é raro em mim. À segunda vez, arranquei atrasado.

Após os primeiros 100 m, meu tempo era horrível, 9,9 segundos. Tinha de ser 9,6. Faltava-me a energia de costume; comecei a ficar para trás.

Ao chegar à primeira curva, senti de repente meu patim esquerdo resvalar. Derrubei o patinador japonês Yasushi Kuriowa, em seguida bati com força na cerca de proteção da pista. Uma máquina fotográfica caiu perto de mim. Levantei-me correndo.

Tirei o capacete e agarrei minha cabeça por um momento. Pedi então desculpas a Yasushi, que voltou a partir e acabou em 11.º lugar.

Depois da corrida, sentei-me e comecei a pensar: «Puxa, se eu tivesse conseguido controlar aquela curva, talvez...» Então, caí em mim: «Meu Deus, seu idiota! Sua irmã acabou

de morrer!» Não sabia ao certo o que devia sentir, mas sabia que o que sentia não era bom.

O apoio que recebi foi espantoso. Milhares de residentes em West Alis, minha terra natal, assinaram um documento de 29 m de comprimento que dizia: «FORÇA, DAN! NÃO DESANIME! WISCONSIN ESTÁ CONTIGO!»

Recebi flores da equipe de trenó e cartões da equipe de hóquei. Meus pais enviaram até meu irmão mais novo, Mike, a Calgary, achando que eu precisava do apoio dele. Tinham toda a razão.

A 18 de fevereiro, o dia da prova dos 1000 m, eu estava convencido de que poderia fazer algo de positivo nos Jogos de Calgary. Era um dos mais velozes patinadores do mundo; sabia que estava em boa forma e que ainda podia me safar e fazer uma prova de primeira nos 1000 m. Resolvi dedicá-la a Jane.

No dia da corrida, eu me sentia otimista. Fiquei na pista externa e consegui uma partida rápida. Nos 200 m já comandava o pelotão. Continuei à frente nos 400 e nos 600 m.

Na arquibancada, Mike comentou para sua mulher:

— O Dan já ganhou. Conseguiu-o nas curvas mais difíceis.

Foi um segundo mais tarde, na marca dos 800 m, que a coisa aconteceu. Eu estava descendo uma reta, inclinando demais a parte exterior de meus patins, quando caí. Fui desclassificado.

«O Dan já ganhou», tinha dito meu irmão, mas, tal como eu e mi-

nha família iríamos perceber, parece que eu jamais iria realmente consegui-lo.

Grande parte do que eu estava tentando fazer em Calgary começou com o apoio e entusiasmo de minha família. Uma vez, houve alguém que nos descreveu como os Walton de Wiconsin, e eu diria que isso não andava longe da verdade.

Apesar de sermos nove irmãos, somos uma família unida. Por exemplo, cada um de nós vive ainda em West Allis, cidade onde crescemos, ou pelo menos perto de lá, o que, pensando bem, não deixa de ser extraordinário.

Quem quiser me entender e à minha história tem que saber algumas coisas sobre meus pais. Não há nada que os perturbe mais que perguntá-los:

— Qual o seu segredo?

Não sabem como foi que conseguiram criar nove filhos com o salário de um policial e o ordenado de uma enfermeira trabalhando em meio expediente. Não entendem por que seus filhos se mantêm unidos e se dão tão bem.

Mas nós sabemos. É por causa do exemplo que eles nos deram. Meus pais trabalharam duro. Além de seu emprego na polícia, papai também ganhava algum como motorista de caminhão e jardineiro. Os dois fizeram por construir um lar confortável, e isso se estendia não só a nós, mas a nossos amigos.

Quando comecei a competir em campeonatos de patinação, era raro o dia em que não houvesse alguém

alojado lá em nossa casa durante as reuniões e treinos. Um amigo meu de infância esteve recentemente vários meses em casa de meus pais enquanto esperava que a sua acabasse de ser construída. Ainda tinha a chave que minha mãe lhe dera quando ele estudava numa universidade aqui perto.

Gerry, minha mãe, não tinha muitas regras, exceto quanto ao respeito pelos outros. Uma delas, por exemplo, era a de que, se um dos filhos da família Jansen fosse convidado para ir a algum lugar, todos nós tínhamos que ser convidados também. Isso significava que, se um vizinho por exemplo convidasse minha irmã Joanne e não a Jane, a Joanne não ia. Talvez fosse por isso que nenhum de nós perdeu de vista a idéia de que a família é a coisa mais importante de nossa vida.

Harry, meu pai, acreditava firmemente na importância da disciplina, mas nunca levantava a voz. E não era o medo que nos fazia andar na linha, mas sim o respeito.

Não há dúvida que herdamos de papai nossa capacidade atlética. Ele se sentia à vontade em tudo o que fazia; era um daqueles atletas especiais que também são capazes de ensinar.

Provavelmente, eu nunca teria começado a patinar se Mary, a mais velha da prole, não tivesse tendência de adoecer no inverno. Ela era uma atleta magnífica, mas, uma vez chegado o inverno, ficava sempre em casa com ataques de tosse.

Meu pai estava convencido de que

ela adoecia por ficar tempo demais dentro de casa. Por isso, numa manhã de domingo, levou-a ao Campeonato Americano de Patinação. Mary assistiu a algumas provas e depois declarou:

— Sou capaz de fazer isto.

Nessa época, ela estava com 10 anos e jamais calçara patins. Mas acontece que tinha razão. Seu jeito era tanto para a coisa que acabou campeã regional.

Janet, uma outra irmã mais velha, costumava observar Mary da sala aquecida. Gradualmente, começou a se dedicar à patinação. Minha irmã Diane também. Depois de elas terem aberto o caminho, os irmãos naturalmente as seguiram. Jim era um patinador exímio, mas foi Dick quem ganhou vários campeonatos regionais e acabou em 3.º lugar na seleção nacional de juniores. Passou a treinar a mim e a meu irmão Mike.

Eu não tinha mais de 4 anos quando patinei pela primeira vez. Mike e eu preferíamos atirar bolas e escorregar pelos montes de neve em vez de competir. Os organizadores então costumavam-nos subornar com moedas e chocolates para nos arrastarem até a linha de partida.

Eram raras as vezes em que não havia pelo menos três irmãos Jansen competindo, e os fins de semana de meus pais eram dedicados a nossos jogos. Não sei como o conseguiam. Depois de trabalhar das 16 horas à meia-noite na delegacia, papai chegava em casa na sexta-feira à noite e começava a afiar nada menos que

cinco pares de patins. Chegava a levar duas horas fazendo isso.

Enquanto isso, mamãe fazia sanduíches. Deitavam-se por volta das 2.30 da madrugada e às 5.30 estavam de pé para nos levarem a nossos treinos. Se fosse domingo, podia se acrescentar a isso uma parada na igreja. Mesmo que tivessem muito que fazer, arranjavam sempre tempo para nos levar.

Tenho uma recordação especial desses tempos. Quando eu tinha 9 anos, meu irmão Mike e eu participamos de um campeonato nacional em Minnesota. Mike venceu em sua divisão seu primeiro título nacional, e eu estava em boa posição para ganhar o meu. Mas, ao fazer uma curva numa das provas, tropecei num tubo de borracha que fora colocado como marcador de pista. Isso me fez perder o título nacional por um ponto.

Comecei a chorar e continuei quando minha mãe me tirou os patins e durante toda a cerimônia. Ainda chorava quando entramos no carro e quando chegamos a casa, seis horas depois.

Papai não me dirigiu a palavra durante a viagem, mas, assim que saímos do carro, disse para mim calmamente:

— Sabe, Dan, há mais coisas na vida que patinar em círculos.

Só muito mais tarde é que fui entender a sabedoria contida naquelas palavras.

Entre todos os patinadores da família Jansen eu era bom, mas não o melhor. Durante anos, essa honra



A fatal segunda queda nos Jogos Olímpicos de 1988. «Eu não ia mais conseguir.»

pertenceu a Mike, dez meses mais velho do que eu. Ele e meu irmão Dick eram patinadores exímios. Depois, quando fiz 14 anos, comecei a crescer e passei a ser quase sempre o vencedor.

Isso me motivava e me fez cada vez mais certo do que eu queria. Descobri que adorava patinar e ainda adoro. Uma vez, alguém disse sobre ser-se um escritor que não é a pessoa quem decide sobre isso; é-se escolhido pela coisa. Acho que o mesmo se passa com a patinação.

Quanto mais corridas eu ganhava, mais convencido ficava de que o que eu queria mesmo era ser patinador. Eu jogava futebol americano no ginásio em que estudava, mas resolvi desistir para me dedicar completamente à patinação. Por isso, fui falar com meu pai:

— Estou a fim de parar com o futebol e me dedicar à patinação, pai.

Tenho certeza de que ele sentiu que eu desistisse de um esporte que tanto apreciava, mas me respondeu que estava bem. Ele realmente queria o que eu quisesse.

A decisão modificou drasticamente minha vida. Durante a maior parte do ano letivo, consegui um horário que me permitia sair às 14 horas para praticar no parque municipal. Depois de duas horas de treino, voltava para casa a fim de fazer meus deveres da escola e jantar. Depois, ia de novo ao rink para outra sessão.

Entrei na equipe mundial de juniores em 1983, e durante seis semanas entre novembro e dezembro deixei a escola para treinar na Europa. Em meu primeiro campeonato lá estabeleci um recorde mundial de juniores na corrida dos 500 m.

Em meu último ano de ginásio, quando a maior parte de meus colegas estava prestes a entrar na univer-

cidade, eu só pensava nas Olimpíadas de 84. Aos 18 anos, estava selecionado para as corridas dos 500 m e 1000 m dos Jogos Olímpicos de Sarajevo.

Para um adolescente, entrar nos Jogos Olímpicos era o máximo. Eu era o mais jovem patinador e um dos mais jovens atletas dos jogos. Tudo era emoção.

Os jogos representaram para mim tudo o que eu esperara. Meus pais conseguiram ir até lá, e eu vibrava de orgulho. Depois de todos os fins de semana que gastaram me acompanhando a cidadezinhas, agora eu podia finalmente recompensá-los com uma viagem a uma cidade como Sarajevo. Na época em que estive lá, aquilo era um lugar romântico, quase mágico. Quando penso no que aconteceu depois, sinto uma enorme tristeza.

Em minha primeira disputa olímpica, a corrida dos 500 m, eu me sentia muito menos nervoso do que tinha estado nos treinos. Nessa época, fazer parte da equipe nacional era o meu objetivo, e estar na corrida, o máximo. Em parte devido a essa atitude descontraída, fiz um tempo excepcional e estive por um momento em terceiro lugar.

Depois, Gaétan Boucher, um canadense, superou meu tempo e ficou com a medalha de bronze. Não me senti arrasado. Era o quarto patinador mais rápido do mundo e tinha 18 anos. Foi um momento que alterou minha vida. A partir daí, eu soube que esse era o meu futuro.

Olhando para trás, os jogos de 84

em Sarajevo foram minhas únicas Olimpíadas disputadas como um «puro». Fui com poucas expectativas e princípios elevados. Se ganhasse uma medalha, ótimo. Se não ganhasse, ótimo também. Só queria competir da melhor forma que pudesse.

Tenho de admitir que quando voltei de Sarajevo foi que me dei conta de que havia perdido a medalha de bronze por apenas 16 centésimos de segundo. Pela primeira vez, compreendi o fascínio e o poder da medalha olímpica. As Olimpíadas nunca voltariam a ter a mesma simplicidade para mim.

NÃO ME lembro de que minha decisão de me dedicar exclusivamente à patinação tivesse constituído um momento especial na família Jansen. Todos evidentemente estavam felizes por minha atuação em Sarajevo, mas se orgulhavam de qualquer vitória dos Jansen.

Em casa, eu era apenas mais um dos meninos, e o mais novo nessa modalidade. Numa família tão numerosa como a nossa, havia inevitavelmente irmãos mais velhos e mais jovens. Minha irmã Jane, Mike e eu fomos sempre os que iam atrás, os que tinham menos responsabilidades.

Entre os mais novos, Jane era sem dúvida a mais sensível. Sabendo disso, e porque éramos homens, eu e Mike não perdíamos uma oportunidade de ver se conseguíamos fazer que ela chorasse. Uma vez, Jane adormeceu no sofá e nós espalhamos pedaços de chocolate por cima dela para ver se derretiam. Derreteram.

Tal como nós esperávamos, ela acordou e começou a chorar.

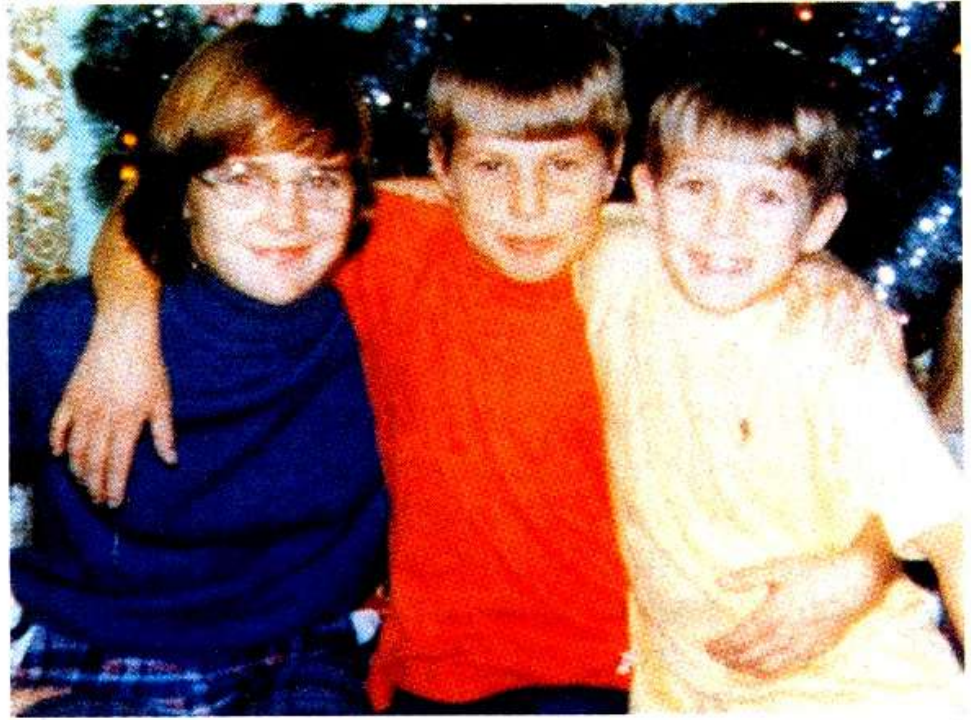
Mas ela era dura na à sua maneira. Aos 14 anos, teve uma escoliose e tinha que usar um colete 23 horas por dia. Era de tal forma desconfortável que ela se agitava e virava de um lado para o outro na cama a noite inteira, mas cumpria com método as ordens do médico, só tirando aquilo para tomar banho. Durante todo esse tempo, nunca ouvi dela uma reclamação que fosse.

Tinha também grande capacidade de perdoar. Por muito que eu e Mike a atazanássemos, como era mais velha, estava sempre disposta a nos levar aonde quiséssemos.

Apesar de todas as vezes que a persegui, sempre houve uma ligação estreita entre nós. Sempre pude falar com ela de uma forma rara, mesmo entre um irmão e uma irmã.

No fundo, Jane queria apenas duas coisas na vida: ser enfermeira e mãe. Antes de morrer, conseguiu ambas as coisas. Tirou um curso de enfermagem e depois casou-se e teve duas filhas, Susie e Amy.

A 29 de janeiro de 1987, ela deu à luz uma terceira filha, Jessica. A princípio tudo parecia normal, mas um exame de sangue de rotina revelou uma anomalia e os médicos pediram-lhe que retornasse ao hospital.



Jane, Mike e eu (esquerda para a direita). «Um laço especial.»

Quando voltei para casa depois do treino, na manhã de 4 de fevereiro, meu pai e meu irmão Jim estavam na sala. Percebi logo que algo corria mal. Os olhos de papai estavam vermelhos.

— O diagnóstico é que Jane está com leucemia — me disse Jim.

Eu sabia que a doença era grave, mas meu espírito não conseguia aceitar a idéia. Minha primeira reação foi dizer:

— Bom, e que é que a gente faz para consertar isso?

Jim abanou a cabeça.

— Não se pode fazer nada. Seu tipo de leucemia em geral provoca a morte.

Aproximei-me de papai e abracei-o. Minha cabeça girava. Até aquele momento, eu não soubera o que era verdadeiramente uma tragédia. Tristeza para mim era um treino ruim. Desapontamento, não conseguir a pontuação necessária para concor-

rer ao campeonato mundial. Era-me tremendamente difícil aceitar aquilo. Por que a Jane? Por que nós? Eu não parava de me perguntar.

A família inteira combinou reunir-se mais tarde em casa de Jane para discutir o que se devia fazer. Talvez fosse tudo um simples pesadelo, pensava eu no volante do carro indo para a casa dela. Talvez os exames estivessem errados. Mas quando vi meus irmãos, irmãs e cunhados lá reunidos, convenci-me que era verdade. Fui até onde Jane estava e limitei-me a abraçá-la.

Uma das primeiras hipóteses possíveis para ajudar alguém com leucemia é arranjar-lhe um parceiro para um transplante de medula. Por sorte, tanto Joanne como eu tínhamos condições de fazer isso, e estávamos ambos dispostos a ser doadores. Os médicos escolheram Joanne, porque eu tinha tido mononucleose.

O transplante ia ser efetuado num hospital de oncologia em Seattle. Embora estivesse previsto que Jane ficaria lá só umas semanas, acabou por estar muito mais tempo. Seguiram-se todo o tipo de problemas médicos e os especialistas tiveram de esperar bem mais do que contavam para fazer o transplante. Em certo ponto, os médicos lhe disseram que poderia voltar para casa e depois regressar para a operação.

— Não, eu fico — decidiu Jane. — Eu disse às minhas filhas que iria para casa quando estivesse curada. Se voltasse agora, elas pensariam que eu estava boa.

Portanto, ficou em Seattle.

Jamais vacilou em sua convicção de que venceria a doença. Sua coragem foi extraordinária, e ela até manteve seu senso de humor. Uma vez, quando um médico que tinha inventado um tratamento especial anticâncer o estava aplicando nela, Jane olhou para ele com a maior cara de pau e perguntou:

— Ei, não é a primeira vez que você faz isso, é?

No princípio de outubro ela voltou para casa e, embora eu tivesse que me ausentar muitas vezes por causa dos treinos para os jogos de 88 em Calgary, consegui ir vê-la antes de ter de partir novamente para os treinos de outono na Europa. Recordo-me que ela já tinha perdido os cabelos por causa dos tratamentos radiativos, mas continuava bonita. Estivemos na casa dela, conversando, rindo e chorando.

No início, o transplante pareceu ter dado resultado. Jane esteve uns tempos saudável, durante o outono. Em dezembro eu estava em casa, competindo para entrar na equipe olímpica. Assim que terminei minha prova dos 500 m, vi meu pai diante de mim. Pela cara dele, percebi logo que as notícias eram más.

— Jane piorou — disse ele. — Teve de voltar para o hospital.

Fora uma breve estada em casa. Ela nunca mais saiu do hospital.

Minha mãe e meu pai se sentiram muito mal por terem estado presentes às minhas provas em vez de ficarem com a Jane. Eu me senti pessimamente por estar me concentrando numa coisa tão frívola como a pa-

tinção, enquanto minha irmã morria. E Jane se sentia horrível por estar dando trabalho a todo mundo.

Felizmente, nesse ano o campeonato mundial de corrida de velocidade seria em West Allis, em fevereiro. Só que não havia qualquer possibilidade de Jane ir assisti-lo.

Subitamente, me lembrei de uma coisa que me deu grande força. Alguns anos antes, em conversa com irmãos meus, falamos do campeonato mundial e Jane tinha comentado: «Quando o Dan ganhar o campeonato mundial...» Ela não disse «se», mas «quando».

Uma semana antes das Olimpíadas de Calgary, sua profecia tornou-se realidade. Obtive meu primeiro título mundial. Era também a primeira vez que um americano ganhava o título mundial de velocidade, até Eric Heiden voltar a conquistá-lo em 1980.

Ela havia dito «quando», não «se».

Logo a seguir à corrida, fui ao hospital com minha medalha e mostrei-lhe. Jane ficou tão feliz como se tivesse sido ela própria a ganhá-la. Foi essa a última vez que a vi com vida.

De qualquer modo, eu tinha patinado suficientemente bem para ganhar um lugar na equipe olímpica dos 500 m e dos 1000 m, mas, à medida que a data da partida se aproximava, não conseguia me concentrar na competição. Estava dividido: metade de mim dizia que eu devia ir a Calgary e acabar o que tinha começado e a outra metade me dizia que devia ficar com Jane.

Embora o estado dela fosse irre-

cuperável, parecia não estar em perigo iminente. Em nossa última conversa, Jane me dissera, com seu jeito típico:

— Eu estou bem, não se preocupe. Concentre-se na patinação.

Cerca de uma semana depois de eu ter partido, seu estado piorou. Minha família se reuniu em conselho para resolver quem iria a Calgary me ver patinar e quem ficaria em casa. Jane, evidentemente, disse a todos que fossem, inclusive a mamãe. Esta queria muito ficar ao lado da filha, mas Jane continuava a insistir para que ela fosse. Diane acabou dizendo a Jane:

— Olhe, você sabe que gostaria que mamãe ficasse com você. Então lhe diga isso.

Ela acabou admitindo e disse à mamãe que preferia que ela ficasse junto dela. Assim, ambas se sentiram aliviadas.

Mary, Janet, Jim e meu pai vieram aos jogos. No dia 13 de fevereiro, na véspera de minha corrida dos 500 m, os pulmões de Jane começaram a se encher de fluido. A situação se agravou.

Papai veio falar comigo depois do treino.

— Estou fazendo falta em casa — disse. — Tente agüentar por aqui.

Nessa mesma noite, escrevi em meu diário: «É agora, D. J. Faça isso pela Jane.»

Na manhã seguinte, o hospital chamou a família. Jane tinha pouco tempo de vida e todos foram fazer sua despedida. Houve apenas uma pequena discussão sobre se deviam ou

não me avisar. Sabiam que eu devia também ter uma palavra a dizer à minha irmã.

Uma das perguntas que as pessoas muitas vezes me fazem é:

— Por que eles lhe contaram sobre o estado de sua irmã? Por que não o deixaram patinar primeiro?

Para mim, tal atitude não faria sentido. Eu tinha de saber de um modo ou de outro, e preferi sabê-lo da boca daqueles que eu amava. Se não me avisassem a tempo, eu não teria tido oportunidade de me despedir dela. Para mim, isso era mais importante do que todo o resto. O padre John Yockey, meu cunhado, abordou essa questão no funeral, em Wisconsin.

— Dan amava tanto a Jane como ela a ele. Jane lhe disse que se esforçasse e você o fez. Estamos tão orgulhosos de você como ela. Você nos deu uma das mais importantes lições da vida. Todo mundo cai, mas lhe estamos gratos por nos ter mostrado como nos levantarmos com dignidade e irmos até o fim. Também continuamos a correr até o fim.

Eu ia me agüentando até o padre Yockey dizer aquilo, mas depois não deu jeito. Os funerais, porém, não são para nos contermos, mas para recordamos aqueles a quem amamos de forma pessoal. Pouco depois, tocaram *On Eagles' Wings*, o hino preferido de Jane. Nunca mais nenhum Jansen voltou a ouvir essa música sem verter uma lágrima.

A morte de Jane e minhas quedas me obrigaram a refletir sobre o rumo de minha vida.

Por um lado, os Jogos Olímpicos de 92 em Albertville, na França, estavam a quatro anos de distância e eu não sabia se continuaria em boa forma durante tanto tempo. Por outro lado, muitos de meus companheiros de escola estavam agora iniciando suas vidas profissionais. E que estava eu fazendo com minha vida?

Tinha planejado deixar de patinar por uns tempos e freqüentar um curso na Universidade de Calgary. Antes de se iniciarem as aulas, porém, aconteceu uma coisa formidável. Conheci uma garota chamada Robin Wicker.

Eu tinha ganho a medalha de Espírito Olímpico e por isso fui convidado a ir à inauguração do Charlotte Coliseum, na Carolina do Norte. Mais tarde, um dos organizadores me convidou a ir a um restaurante. Foi então que fui apresentado a ela.

Quando Robin e eu começamos a conversar, um mundo novo se abriu à minha frente. Ainda perturbado com a morte de minha irmã e por causa de minha queda durante os jogos, eu me portava de modo algo arredio com desconhecidos. Mas senti logo que podia me abrir bastante com Robin, e ela parecia saber intuitivamente o que devia ser dito.

Telefonei-lhe no dia seguinte e perguntei-lhe se queria sair comigo nessa noite. Não tardou que começássemos a nos encontrar cada vez com mais assiduidade. Quando não estávamos juntos, falávamos ao telefone. Num mês, minha conta chegou a 800 dólares.

Havia muitos obstáculos, mas decidimos ultrapassá-los. Eu queria estar com Robin, e pronto. Resolvi me declarar a ela no dia 4 de julho de 1988.

Robin veio visitar minha família. Nessa noite, fomos jantar num restaurante à beira de um lago. Depois de encomendarmos os pratos, demonstrei minha habilidade em conversas claras e comunicação lúcida, dizendo-lhe:

— A gente sempre fica falando do futuro e de um dia se casar.

— Pois é — respondeu ela.

— Pois é isso — continuei, nervoso. — Estou a fim de me casar logo. Você quer?

— Quero — disse ela. — Acho que quero.

Mas por sua reação, percebi que pensava que eu estava falando vagamente do futuro.

— Você não está entendendo — esclareci. — Estou me declarando. Eu quero casar já.

Peguei-a de surpresa. Ela se levantou da mesa e desapareceu por 20 minutos. Fiquei superconfuso, até perceber que ela tinha ido telefonar à família para contar a novidade. Tomei isso como um sim. Nove meses depois, nos casamos.

Foi das melhores coisas que me aconteceram. Robin trouxe uma lufada de ar fresco para minha vida na hora certa. Mas, embora não desconhecesse que eu me dedicava ao esporte, não sabia exatamente o que isso significava até ver por si mesma. Meus treinamentos, como subir um lance de escadas pulando num

pé só, lhe pareceram meio estranhos, e ela levou algum tempo para se habituar a ver o marido chegar em casa após um dia de treinos extenuante e cair literalmente no chão, morto de cansaço.

Mas todo esse esforço compensava. Minha patinação continuava melhorando. Não só consegui fazer parte da equipe olímpica, como, a três semanas dos Jogos Olímpicos de 92, estabeleci um novo recorde mundial nos 500 m. Quando cheguei a Albertville era apontado como um dos vencedores.

Para me estimular, pouco antes de minha *performance* nos 500 m, Robin me deu uma suéter com os dizeres: «*Carpe diem, D. J.*» Agarra a oportunidade. Só que, em vez disso, foi a oportunidade que me pegou: fiquei em quarto lugar, mas, quanto a mim, poderia ser o 44.º

Minha atuação me arrasou. Fiquei num semi-isolamento, com isso prejudicando-me psicologicamente para a prova dos 1000 m, três dias depois; me senti muito cansado na parte final e acabei em 26.º lugar.

Que teria acontecido? Não sei bem. Eu tinha resolvido voltar a me dedicar intensivamente aos treinos e talvez tivesse ido para os jogos cansado demais. Também houve reclamações por a pista móvel não estar gelada o bastante. A chuva que caiu pela manhã piorou bastante a coisa. O gelo estava mole e pedregoso e, nessas condições, as lâminas dos patins não deslizam com facilidade. É ruim para todos, mas sobretudo para um patinador como eu.

Eu sabia o que meus críticos diriam depois de Albertville: Dan Jansen é um cabeça-de-bagre. As duas quedas em Calgary podiam ser explicadas pela morte da irmã, mas não havia razão para Albertville. Saber que pensavam isso de mim custou-me muito, mas eu não ia desistir. Felizmente, não foi preciso esperar muito. No inverno seguinte, as provas olímpicas em Lillehammer, na Noruega, estavam apenas a dois anos de distância. Voltei a treinar.

Foi nessa época que me aconteceu o melhor presente do mundo. Descobrimos que Robin estava grávida. Começamos a pensar em nomes, e um dia «Jane» me veio à cabeça. Falei sobre isso a Robin e ela também se entusiasmou. Tínhamos outros nomes em mente se se tratasse de um menino, mas se fosse menina, eu queria fazer uma homenagem à memória de minha irmã.

A 27 de maio de 1993, Robin deu à luz uma menina. Foi um dos dias mais felizes de minha vida.

Eu queria desesperadamente deixar para trás toda a experiência dos Jogos de Calgary, mas isso não parecia possível. Em quase todas as entrevistas que dei, os jornalistas continuavam a mencionar a morte de minha irmã e minhas duas quedas.

— Dan, há alguma possibilidade de você esquecer o que lhe aconteceu em 1988?— perguntavam eles.

— Há, sim, mas só se todos vocês pararem de me fazer perguntas sobre isso.

Eles riam, mas o jornalista seguinte vinha e perguntava:

— A sério, Dan, você ainda pensa nas quedas? Ainda pensa em Jane?

Eu tentava falar da questão das quedas de uma forma distanciada, mas no fundo aquilo estava sendo demais para mim. Meu empresário sugeriu então que eu consultasse um psicólogo da Flórida especializado em esportes, o Dr. Jim Loehr. A princípio resisti à idéia, mas acabei cedendo. Só que ele estava com a razão. Eu sabia que precisava de ajuda.

A descrição mais exata de minha atuação em Albertville veio de Peter Mueller, nessa época treinador da equipe alemã.

— Aquilo não era Dan Jansen patinando — declarou ele. — Era o corpo dele. O homem ainda estava em estado de choque.

Estava certo nisso.

Quando falei com o Dr. Loehr sobre os Jogos Olímpicos de 88, comecei a exprimir meus sentimentos confusos pela primeira vez. Percebemos então que, no dia em que Jane morreu, dois mundos tinham entrado em choque: aquele em que aconteceria o momento mais importante de minha carreira e o mundo daquilo que acabou por ser o pior dia de minha vida.

Qualquer coisa dentro de mim não me permitia sentir alegria enquanto minha irmã não estivesse enterrada, e por isso eu negava a mim próprio o sucesso e mostrava a todo mundo que a morte de Jane era muito mais importante do que qualquer medalha olímpica. Claro que tal coisa era absolutamente verdade, e eu o provei caindo. Duas vezes.

Levei seis meses para vencer meus pensamentos negativos com o Dr. Loehr. Foi uma grande vitória conseguir finalmente aceitar a morte de Jane e os Jogos Olímpicos de 88.

A partir daí, ele me fez prestar mais atenção à parte mental do esporte. Eu fizera um diário de meus resultados, mas era algo absolutamente simplista, comparado com os registros do Dr. Loehr. Eu dava conta de minhas atividades físicas, mas também do que ia sentindo de dia para dia. Apontava tudo e mandava para ele via fax de onde estivesse.

Nosso objetivo era atingir um equilíbrio entre o esporte e minha vida. As páginas do diário que eu ia preenchendo eram uma forma de registrar o quanto estava treinando e como isso me afetava, de forma a saber quanto tempo necessitava para me recuperar. Creio que não foi por mera coincidência que se verificou uma enorme melhoria em meu rendimento técnico, depois de ter seguido o programa do Dr. Loehr.

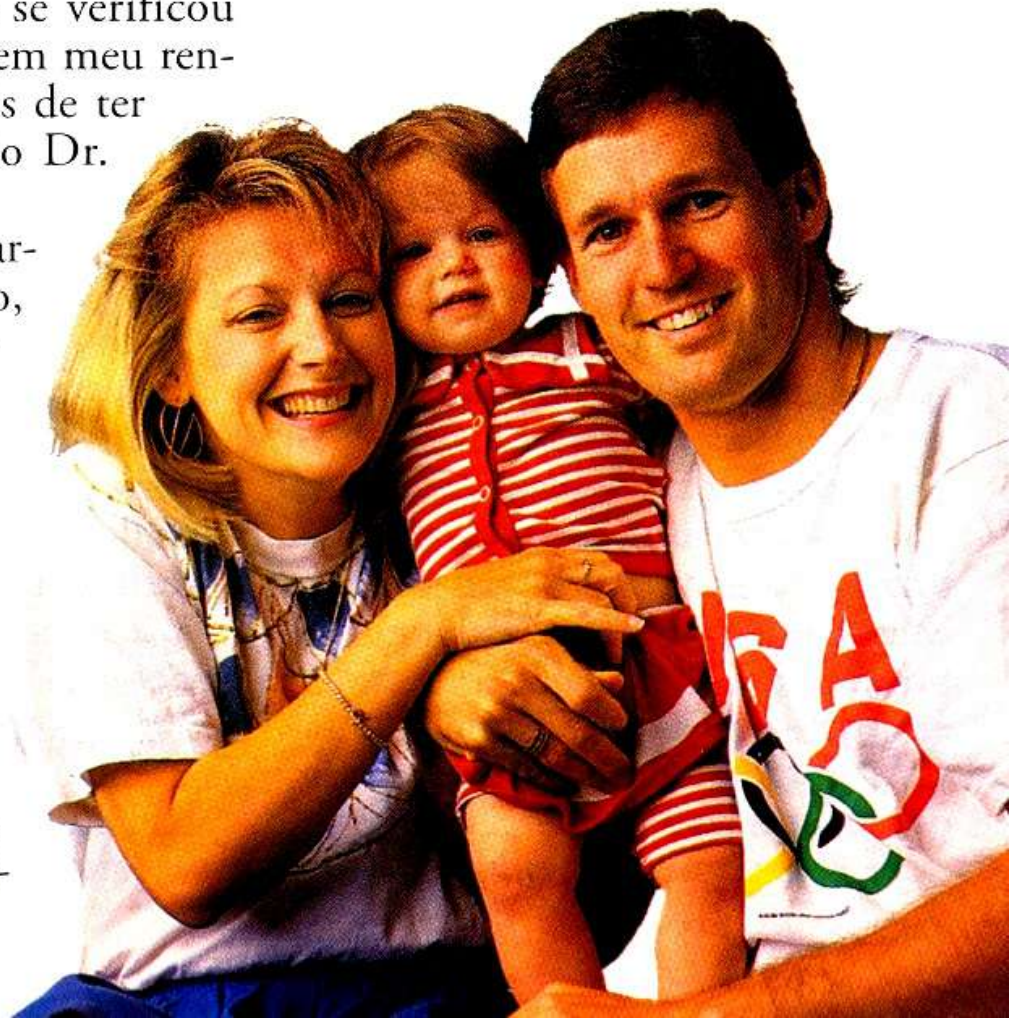
Enquanto ele se encarregava de meu espírito, Peter Mueller, que passara a ser meu treinador, se encarregava do corpo. Tendo ele próprio uma medalha de ouro olímpica, era alguém que eu conhecia desde criança. Várias vezes nos cruzamos em campeonatos de patinação. Foi Peter quem primeiro notou mi-

nhas potencialidades, quando eu tinha apenas 12 anos.

Sua tese era simples: nunca se está demasiado forte, nem se tem demasiada resistência. Sua técnica equivalia a um treino básico, mas um dos mais rigorosos que conheci.

Primeiro, ele me obrigava a fazer 30 minutos de patinação até eu ficar com as costas ardendo. Depois, me fazia subir e descer uma encosta íngreme até eu ficar morto de cansaço. Depois, me levava a uma corrida de resistência de 45 minutos.

É bom lembrar que uma corrida de 1000 m demora geralmente 1 minuto e 15 segundos, e uma de 500, cerca de metade desse tempo. Às vezes, parecia-me que eu estava treinando não para a patinação olímpica de velocidade, mas para a maratona de Boston.



Compreendo agora que, apesar de minha especialidade ser a corrida mais curta, 500 m, grande parte do treinamento de resistência fazia parte de seu plano para melhorar minha atuação na prova mais longa e mais desgastante dos 1000 m. Peter estava fazendo no gelo exatamente o que o Dr. Loehr fazia no consultório.

O resultado foi que, com a aproximação dos Jogos Olímpicos de 94, eu estava mais confiante que nunca, e isso se baseava em algo mais do que um pensamento positivo. A 4 de dezembro de 1993, passei a ser a primeira pessoa a fazer os 500 m em menos de 36 segundos. Para os corredores dessa modalidade, tal coisa representava um recorde comparável ao de Roger Bannister ao fazer 1 km em 4 minutos. No campeonato mundial, poucas semanas depois, patinei ainda mais depressa na mesma pista de gelo de Calgary onde tinha caído nas Olimpíadas de 1988.

Se eu queria que essa prova olímpica fosse diferente das outras, o que eu precisava não esquecer é de que era o melhor patinador do mundo dos 500 m. Tinha-o mostrado ao longo do ano inteiro. Agora, precisava prová-lo mais uma vez.

Ao partir para Lillehammer, estava cheio de confiança, e creio que todos os que me rodeavam também. Meu pai não me disse isso antes da prova, mas achava que eu ia ganhar, em parte porque sentia que não havia absolutamente nada de negativo que me pudesse acontecer.

Peter estava mais otimista.

— Sei que o Dan vai vencer — declarou ele numa entrevista coletiva em Lillehammer. — Da forma como está patinando, pode utilizar apenas 90% de suas capacidades e ainda ganhar. Se patinar a 100%, pode alcançar uma grande vitória. É o patinador mais veloz na história da patinação, e vai prová-lo.

Quer acreditem ou não, eu me sentia também assim.

Minha preparação começou na noite anterior à corrida. Dormi como um justo, o que era um bom sinal. Cheguei ao rink por volta das 11 da manhã, três horas antes da prova, e fiz todas as coisas que costumo fazer para me descontraír — um pouco de *jogging*, uns saltos, bastante alongamento. Fui para o gelo 90 minutos antes da corrida para umas voltas lentas, umas acelerações, umas partidas.

À medida que deslizava em torno do Viking Ship Olympic Hall, dei uma olhada para as arquibancadas e pensei em minha família ali sentada — Robin e Jane, minha mãe e meu pai, e meus três irmãos mais velhos, Mary, Janet e Jim.

Não queria olhar diretamente para eles. Sabia que Robin estava com os nervos em pandarecos. Tinha muito em que pensar. Jane, minha filha, escolheu a melhor atitude. Dormia profundamente.

Os aquecimentos me fizeram sentir bem. Era um bom sinal. Quando saí do gelo, tudo o que havia a fazer era me sentar sozinho por muito tempo e tentar me descontraír.

Muitas coisas me passaram pela ca-

beça: minha irmã Jane, Calgary/88, Albertville/92, todos os fãs em Winstonsin que torciam por mim, minha família. Não deixei nenhuma delas permanecer por muito tempo. A idéia principal que eu queria reter era a de que eu era o melhor patinador do mundo nos 500 m. Era só isso.

Eu tinha algumas preocupações. No dia anterior, havia decorrido o campeonato masculino dos 5000 m. Tinham preparado um gelo mais duro para aquela prova, mas que me parecera frágil e quebradiço. No dia seguinte, na hora da competição, essas preocupações haviam desaparecido.

O primeiro par a competir era o patinador chinês Liu Hongbo e Sylvain Bouchard, um canadense. Eu não os considerava meus maiores adversários, mas quando Liu obteve a pontuação 36,54 segundos, um tempo excepcionalmente bom para ele, percebi que o gelo estava firme.

Isso só confirmou minha decisão de dar o máximo. Eu queria estabelecer um novo recorde mundial. Se conseguisse, ganharia a medalha de ouro, porque mais ninguém conseguiria me ultrapassar. A última coisa que eu queria que acontecesse era conseguir uma boa velocidade, mas perder. Essa filosofia de tentar o máximo era um pouco arriscada, devido à fragilidade do gelo, mas eu estava convencido de que era a melhor.

Finalmente, chegou minha vez. «Alinhar à partida», anunciaram. Tomei posição ao lado de Sean Ireland, do Canadá. Estava completamente

concentrado na corrida. Chegara o momento de superar minhas desgraças. Agora era a hora da medalha.

Minha arrancada foi certa, mas meu rival queimou sua partida. Foi frustrante. Tive de voltar a me alinhar rapidamente. No recomeço, já não me senti tão à vontade como antes, mas ainda estava preparado. Então partimos. Atirei-me ao gelo e fiz os primeiros 100 m em 9,82 segundos — abaixo de meu recorde mundial de 9,75 para a distância, mas eu sabia que ainda podia ganhar.

Percebi, porém, que não estava dominando o gelo muito bem. Por um segundo, cheguei a pensar em diminuir um pouco meu ritmo e patinar com mais cuidado, mas aprendera que uma vez que se opta por uma estratégia não se deve abandoná-la.

Os 100 m seguintes passaram, e antes que eu desse por isso, surgiu o trecho dos últimos 300 m. Eu continuava patinando com regularidade. Geralmente, era nesse ponto que eu me saía melhor e, por isso, achava que tinha boas chances de ficar com o ouro.

Então, quando entrei na última curva, meu patim esquerdo derrapou. Desequibrei-me por um instante e minha mão tocou no gelo. Agüentei-me, porque ia com alguma velocidade, mas meus dois movimentos seguintes foram fracos. Não sentia que os patins estivessem agarrando convenientemente o gelo. É preciso «sentir» uma curva quando se vai pôr toda a força nela, mas

me faltava essa sensação. Isso estragou tudo.

Qualquer pequena falha de precisão ou escorregadela momentânea pode desclassificar — erro fatal num esporte em que meio segundo é uma eternidade. Meu tempo era 36,68 segundos, o que era rápido, considerando o que acontecera, mas não o suficiente. O vencedor, o patinador russo Aleksandr Golubev, fez 36,33.

Quando cruzei a meta com esse tempo inferior, começou uma reação em cadeia de emoções à minha volta. A primeira coisa que fiz foi rir com meus botões. Depois de ter quase caído, estava a menos de três décimos de segundo da medalha de ouro. Era absurdo demais.

Peter Mueller estava arrasado. Na arquibancada, Robin se levantou imediatamente e saiu. Ficara tão farta de ver na TV uma multidão de imagens dela chorando durante minhas duas provas em Albertville que teve que se afastar das câmeras. E, ao fazê-lo, começou evidentemente a chorar.

Na volta para casa, as coisas também foram difíceis para minha família. Meu irmão Mike disse que tinha acordado nessa manhã convencido de que nesse dia eu iria vencer. Depois, ouviu tocar o telefone e a filha dele contou:

— Papai, o tio Dan escorregou.

Mais tarde, Mike me confessou que não parava de repetir:

— Isso não pode estar acontecendo. Não pode estar acontecendo outra vez!

Fiquei parado, enquanto Peter veio

de patins até onde eu estava. Olhei-o bem nos olhos e desabafei:

— Desisto. Pura e simplesmente, desisto.

Não estava querendo dizer isso literalmente, claro. Ou talvez tivesse querido, por um segundo. Sentia-me profundamente desgostoso.

Não deixei de analisar o que ocorrera, mas um fato eu não podia negar: mais uma vez, eu falhara na oportunidade de ganhar uma medalha. A triste saga de Dan Jansen nos Jogos Olímpicos prosseguia.

Senti a evidência esmagadora de que jamais iria ganhar uma medalha nos 500 m. Talvez eu fosse o melhor velocista de todos os tempos, mas senti que minha oportunidade de uma medalha olímpica se perdera. Para sempre.

Sem eu saber, porém, o Dr. Loehr tinha ido à Noruega me assistir a patinar. Era a primeira vez que me via competindo. Estava tão confiante de que eu iria ganhar os 500 m que marcou seu vôo de regresso para o dia seguinte, achando que eu não iria precisar de seus conselhos para os 1000 m.

Logo que me viu escorregar na prova dos 500, conseguiu estabelecer um novo recorde olímpico, iludindo os seguranças e abrindo caminho até onde eu estava. Entrei em choque ao vê-lo, mas depois me senti aliviado. Ele não podia ter aparecido num momento melhor. Eu estava prestes a dar uma grande entrevista coletiva, e ele desaconselhou isso vivamente.

— Você tem de começar a se pre-

parar para os 1000 m. Deixe para lá os 500. Pare de reviver isso.

Eu sabia que ele tinha razão. Em Albertville, eu não havia utilizado o tempo entre as corridas para me preparar para os 1000 m, e não queria voltar a fazer a mesma coisa. Desconvoquei o encontro com a imprensa me desculpando, e os organizadores olímpicos compreenderam.

A nenhum de nós escapou a cruel ironia de que a corrida dos 1000 m, minha prova mais fraca, era minha última oportunidade de obter uma medalha olímpica. Durante anos, achei não ser capaz de ganhar uma medalha nos 1000 m por razões físicas e psicológicas. Podia convencer-me de que era o melhor patinador do mundo tanto nos 500 m como nos 1000 m, mas achava difícil demais para uma pessoa dominar ambas as provas.

Também cheguei a acreditar que meu estilo só se adequava a uma corrida mais curta. Era suficientemente veloz para arrancar rápido da linha de partida, mas parecia que sempre perdia o fôlego nos últimos 200 m dos 1000. Por isso, não podia deixar de pensar que, embora fosse o melhor, não iria ganhar uma medalha olímpica naquela distância.

Quando comecei a ir ao Dr. Loehr, Peter insistiu comigo para que tentasse praticar mais os 1000 m.

— Você vai pensar que isto é bobagem — começou por me dizer o Dr. Loehr, e depois me disse o que sugeria que eu fizesse.

Ele acreditava que, quanto mais alguém enfrentasse seus fantasmas

pessoais como parte da vida cotidiana, mais possibilidades tinha de dominá-los. Para ultrapassar minha resistência aos 1000 m, ele sugeriu que eu escrevesse «adoro os 1000 m» tantas vezes quanto o possível.

No princípio, me senti um idiota. Ei, eu adoro correr os 1000 m. Tudo bem. Mas isso não acontece de um dia para o outro! Quando finalmente venci um campeonato de 1000 m, refleti naquela nota que escrevera no papel timbrado do hotel. Talvez eu goste de fato de correr os 1000 m. Então ganhei outro campeonato. Depois outro. E outro ainda. Caramba, não é mole!

E assim lá estava eu em Lillehammer, escrevendo sem parar «adoro os 1000 m», como uma criança. Todos os dias escrevia isso em minhas tabelas de treino, ao alto da página. Punha um bilhete na gavetinha do banheiro, onde ficava meu aparelho de barba. Havia outro na geladeira e outro ainda no espelho do quarto.

«Adoro os 1000 m» passou a constituir meu mantra pessoal.

Para facilitar minha recuperação, resolvi passar a noite na casa que minha família alugara. Não tinha ficado lá muito tempo porque precisava de paz e sossego antes da prova dos 500 m, mas agora o que eu necessitava era do máximo possível de amor e apoio.

A noite estava calma. Dei boa-noite a Robin e a Janie, joguei cartas com papai e com Jim e falei de vez em quando com o Dr. Loehr. Por dentro, ainda me sentia péssimo.

Nessa noite, adormeci rapidamen-

te porque estava muito cansado, mas, por volta das 3 da manhã, acordei e não consegui voltar a dormir. Acordei Robin e ficamos conversando. Depois voltamos ambos a dormir. Levantei-me às 7.

Jane dormia no berço a nosso lado e, como um pequeno golpe do destino, acordou quando eu estava olhando para ela. Espiei por cima do berço e ela me lançou o mais maravilhoso sorriso que eu já vira. Era justamente isso que eu precisava.

NA VÉSPERA da corrida dos 1000 m, sentei-me de manhã num banco e permaneci ali por muito tempo.

— Hoje não tenho vontade de patinar — disse eu a Peter.

— Eu sei, D. J. — respondeu ele. — Fique aí e espere que isso passa.

À medida que o dia foi avançando, comecei a praticar e senti que meus pensamentos negativos se afastavam de mim. Uma idéia vigorosa me impelia. No fundo, estava com sorte por ter uma oportunidade final.

Compenetrei-me também de que estar na seleção olímpica não era questão de sorte. A razão fundamental pela qual eu fazia parte dela era haver perseverado, treinado muito e haver conseguido me manter em primeiro lugar em minha modalidade.

Depois de um treino, passei o resto do dia na casa alugada por minha família. Fiz o habitual — joguei cartas, comi pizza e fingi que estava absolutamente calmo e descontraído.

Por volta das 19 horas, momento de voltar à vila olímpica, reuni a família e falei-lhes com sinceridade.

— Amanhã é minha última chance, minha última prova olímpica. Esqueçam toda a carga negativa do passado. Quero que saibam que a patinação tem sido minha vida durante a última década, e 98% de minhas memórias são positivas. É assim que eu quero que seja.

Esse discurso não constituía uma proteção para o caso de eu não ganhar uma medalha. Era realmente o que eu sentia. A patinação fora sempre minha mestra e companheira desde criança. Levara-me a lugares maravilhosos que de outro modo eu nunca veria. Foi através da patinação que encontrei meus melhores amigos e minha mulher. Queria apenas que este último campeonato fosse uma celebração de todos esses momentos felizes.

Nessa mesma noite, Peter me chamou a atenção para uma coisa que eu há muito esquecera. Nas Olimpíadas de Inverno de 1976, também ele se saíra mal na prova dos 500 m. Então voltou e ganhou a medalha de ouro nos 1000. Não seria formidável, pensamos nós, se eu conseguisse fazer o mesmo?

O Dr. Loehr deu sua opinião sobre o caso.

— Pense só no triunfo que seria se você ganhasse os 1000 m — me disse ele. — Não há razão para que não volte a tentar. Ganhar nos 500, sua especialidade, não devia ser o auge de sua história, Dan. Esta prova sim.

No dia seguinte, a 90 minutos da hora da corrida, eu estava em outra. Não era nada de específico; apenas